



ENSINO EM CONTEXTO DE PANDEMIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O PROJETO ARQUIPÉLAGO DE MEMÓRIAS

Fernando Nicolau de Souza¹ (FM), Nilma Fernandes do Amaral Santos² (PQ) e Vitória Viviane Caetano Moura² (IC)*

¹ Secretaria Municipal de Educação – Anápolis GO,

² Universidade Estadual de Goiás UnUCSEH – Nelson Abreu Júnior,

*caetanomouravitoriaviviane@gmail.com

Resumo: A pandemia do novo coronavírus transformou o ano de 2020 em um período marcante na história do mundo todo. Considerando a gravidade da situação, a maneira que os governos encontraram para prevenir a disseminação da doença foi estabelecer medidas protetivas sanitárias e prática do isolamento social. Em consequência disso, as escolas foram fechadas e se estabeleceu um novo modelo conhecido como ensino remoto. Este formato, além de ser confundido com o Ensino à Distância, também afetou significativamente o cotidiano dos alunos, familiares e profissionais de educação. Na tentativa de compreender os impactos disso para estes sujeitos, o objetivo deste relato de experiência é promover a reflexão acerca do que se entende por “ensino remoto”, bem como as condições em que ele tem sido realizado e os impactos atuais e futuros desta nova realidade. Trata-se de um relato das experiências dos autores com o Projeto Arquipélagos de Memórias desenvolvido durante participação no Programa Residência Pedagógica.

Palavras-chave: Ensino remoto. Arquipélago de Memórias. Residência Pedagógica.

Introdução

A eclosão da pandemia do novo coronavírus transformou o ano de 2020 em um período marcante na história do mundo. Até a segunda quinzena do mês de março de 2021, foram confirmados cerca de 119.220.681 casos no mundo todo e aproximadamente 2.642.826 mortes (OMS, 2021). Considerando a gravidade da situação, a maneira que os governos encontraram para prevenir a disseminação da doença foi estabelecer medidas protetivas como o uso da máscara e a higienização frequente das mãos, além da prática do isolamento e distanciamento social.





Em 2021, o cenário parecia estar mudando positivamente com a chegada da vacina e os novos estudos sobre a enfermidade. Porém, o afrouxamento dos cuidados ocasionou um novo pico da doença, desta vez mais letal devido ao surgimento de novas variantes do vírus. Diante desse contexto, a realidade do país sofreu impactos consideráveis, como a sobrecarga do Sistema Único de Saúde e o aumento do índice de desemprego. O sistema educacional também foi um dos grandes afetados pela pandemia uma vez que, com a prática do isolamento social, as escolas foram fechadas e foram estabelecidas as atividades não presenciais ou o ensino remoto. Este novo modelo afetou a educação em todos os seus níveis e modalidades, sem contar as mudanças que trouxe para a vida cotidiana dos sujeitos e suas famílias que tiveram que se adaptar a esta nova forma de educar e ser educado.

Se por um lado a pandemia provocou o fechamento das escolas e o estabelecimento de uma nova forma de aprender, ela também deu elementos para as pesquisas e produções científicas nas instituições de ensino superior. Um exemplo disso é o Projeto Arquipélagos de Memórias¹, desenvolvido pela Universidade Federal de Goiás em parceria com outras instituições de ensino, entre elas a Universidade Estadual de Goiás. O projeto de extensão tem por objetivo criar uma “cápsula do tempo” contendo os relatos de professores e profissionais da educação, estudantes e familiares sobre a experiência com o ensino remoto e seus impactos para a vida cotidiana destes sujeitos.

Nesse sentido, as considerações aqui apresentadas se justificam pela necessidade de compartilhar as experiências com esse formato de ensino, bem como as contribuições que o Projeto Arquipélago de Memórias pode trazer para a pesquisa e extensão. O objetivo é promover a reflexão por meio da compreensão do que se entende por “ensino remoto”, bem como as condições em que ele tem sido realizado.

¹ O projeto é coordenado pela Professora Dra. Valdeniza Maria Lopes da Barra – FE-UFG, tem como objetivo produzir um acervo digital de relatos orais dos mais distintos lugares do país acerca da duração histórica presente com vistas à construção de uma "cápsula do tempo" como legado às





Material e Métodos

Elegeram-se como metodologia a abordagem qualitativa, cujo foco está na compreensão dos significados e do processo em si. Segundo Triviños (1987), tal abordagem se caracteriza como um método cujo meio natural é a fonte dos dados a serem analisados. Nesse sentido, as reflexões aqui apresentadas constituem de um estudo qualitativo, orientado pela leitura e análise de alguns materiais referentes ao ensino remoto em contexto de pandemia.

Resultados e Discussão

Segundo dados fornecidos pelo Ministério da Saúde (2021), o primeiro caso de coronavírus foi confirmado no estado de São Paulo, em 26 de fevereiro de 2020, quase dois meses depois de sua descoberta na China. Depois disso o vírus se espalhou pelo país com rapidez, tomando proporções assustadoras. As infecções respiratórias provocadas pela doença contribuíram para que em pouco tempo o sistema de saúde ficasse sobrecarregado.

Diante dessa realidade, todas as atividades consideradas não essenciais foram suspensas em boa parte do país, entre elas a escola. Aqui cabe fazer uma consideração importante: sabe-se que naquele momento, considerando a situação do sistema público de saúde e o pouco conhecimento acerca da doença, o isolamento social de fato poderia ser encarado como uma das medidas mais eficazes para conter a propagação do vírus, porém não seria a educação um serviço essencial?

O termo ensino remoto é utilizado com frequência em uma relação de equivalência à Educação à Distância. Porém, como apontam Saviani e Galvão (2021), esta relação é incoerente, a EAD já tem existência estabelecida, coexistindo





com a educação presencial como uma modalidade distinta, oferecida regularmente. Diferentemente, o “ensino” remoto é posto como um substituto excepcionalmente adotado neste período de pandemia (SAVIANI; GALVÃO, 2021).

Este equívoco acontece pelo fato de que, às luzes do senso comum, em ambos os casos se trata de um ensino que é desenvolvido à distância no sentido físico, além de contar com o apoio dos recursos tecnológicos, mas as semelhanças param por aí. O primeiro aspecto a ser considerado, diz respeito ao amparo legislativo que a EaD tem em relação ao ensino remoto. A referida modalidade é prevista por lei no artigo 80 da Lei de Diretrizes e Bases de 1996 e foi consolidado pela Lei nº 9.057/2017, a qual define que na Educação à Distância a mediação “ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos” (BRASIL, 2017).

Em contrapartida, o ensino remoto é um termo ainda recente no meio educacional que não é amparado por lei e não equivale a Educação à Distância. Joye, Moreira e Rocha (2020) preferem utilizar o termo “atividade educacional remota emergencial”. Deste modo, “o objetivo principal nessas circunstâncias não é recriar um novo modelo educacional, mas fornecer acesso temporário aos conteúdos e apoios educacionais de uma maneira a minimizar os efeitos do isolamento social nesse processo” (JOYE; MOREIRA; ROCHA, 2020, p.13).

O Parecer do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno nº 15/2020 não apresenta uma definição para o termo ensino remoto ou atividade educacional emergencial, mas discorre sobre as atividades pedagógicas não presenciais, entendidas como “conjunto de atividades realizadas com mediação tecnológica ou por outros meios, a fim de garantir atendimento escolar essencial durante o período





de restrições de presença física de estudantes na unidade educacional (BRASIL, 2020, p.9).

A Educação à Distância também difere do ensino remoto no que diz respeito aos papéis desempenhados pelos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. No modelo à distância, a docência é compartilhada entre professores, tutores e especialistas que são os mediadores do conhecimento. O aluno tem a possibilidade de interagir de maneira mais efetiva com outros alunos e com o próprio professor, além de se tratar de um estudante que geralmente já está na fase adulta e, portanto, possui uma autonomia e disciplina de estudos. Em contrapartida, no ensino remoto o professor se transforma em um mero transmissor de conhecimento, cuja jornada de trabalho se alonga pelo fato de que ele precisa estar disponível para o esclarecimento de dúvidas. A interação e a mediação ficam comprometidas, principalmente se considerarmos que nem todos os alunos têm as mesmas condições de acesso e permanência ao ensino. Além disso, é preciso considerar o perfil do aluno, na maioria das vezes uma criança que necessita do acompanhamento dos pais ou responsáveis.

Diante do exposto, é preciso fazer algumas considerações. A primeira é que a pandemia evidenciou ainda mais a desigualdade presente em nosso país e a falta de políticas públicas educacionais que sejam capazes de amenizar este problema. Isso foi observado durante a ambientação desenvolvida no Programa Residência Pedagógica, que deve proporcionar: “Estudo do contexto educacional envolvendo ações nos diferentes espaços escolares, como salas de aula, laboratórios, bibliotecas, espaços recreativos e desportivos, ateliers, secretarias” (BRASIL, 2019, p. 5).

Ambientar nesse contexto significa conhecer o ambiente e o contexto em que as atividades estão sendo desenvolvidas. Isso é relevante uma vez que entendemos que o meio em que a atividade educativa acontece é repleto de dados que carecem de uma interpretação. Além disso, estando as escolas fechadas, as residências dos





alunos se transformaram em uma extensão desse meio cujas barreiras precisavam ser derrubadas para que as residentes prosseguissem com as atividades. Nessa direção, para fazer esta ambientação em contexto de pandemia, foi realizada por meio de telefonemas, uma entrevista semiestruturada no final do ano de 2020 com os pais ou responsáveis dos alunos em que a regência estava sendo desenvolvida.

Os dados revelaram que muitas famílias não possuíam acesso às tecnologias ou à internet para acompanhar as aulas virtuais. Outro agravante é o fato de que muitos familiares trabalham fora, em jornadas longas, que comprometem o acompanhamento das atividades escolares das crianças. No que se refere à escolaridade dos pais e responsáveis, a maioria não chegou a concluir o Ensino Fundamental. Essa falta de instrução pode interferir no processo de ensino e aprendizagem uma vez que, a mediação que antes acontecia por um profissional, agora é feita por pessoas que não possuem formação científica e didática para isso.

O ensino remoto foi adotado como medida emergencial mais adequada para o momento, no entanto talvez ele não seja o mais eficiente. Como comprovado acima, este modelo não passou por um estudo para saber as condições das famílias dos alunos e a aplicabilidade do mesmo. Os profissionais da educação também ficaram alheios a este processo, acabaram sobrecarregados com as novas demandas e totalmente despreparados para cumprir com os desafios que o formato apresenta.

Apesar de ser uma medida necessária para conter a proliferação do vírus, o isolamento social impactou a vida em sociedade de diversas formas. Com o controle das atividades laborais, algumas pessoas tiveram que transformar suas casas em seu próprio local de trabalho, ao passo que outras enfrentaram o desemprego. Não bastasse a economia abalada, a reclusão contribuiu para o agravamento de doenças como a ansiedade, a depressão e o estresse. Não obstante, a educação também sofreu com as consequências da pandemia.

Por esse motivo, tendo em vista a necessidade de promover um diálogo entre a escola e as famílias de modo que haja uma compreensão da situação para ambos





os lados, nos foi proposto durante os encontros semanais da Residência Pedagógica contribuir e divulgar o Projeto Arquipélagos de Memórias que fomenta a produção de uma “cartografia da educação escolar, do trabalho docente e respectivas interligações com a vida cotidiana a partir do fenômeno pandemia da COVID 19” (GOIÁS, 2020, p. 1). Este acervo será constituído por relatos orais dos participantes por meio de uma espécie de “cápsula do tempo”.

Nesse sentido, motivados pela necessidade de divulgar e contribuir com o projeto, os planejamentos estiveram voltados para a promoção de ações que instigassem o interesse em contribuir com o acervo do projeto. Partimos da contextualização do assunto, propondo algumas reflexões sobre o aspecto subjetivo do tempo e estabelecendo relações entre passado, presente e futuro. A compreensão disso contribuiu para que crianças e famílias entendessem o intuito da cápsula do tempo.

Nos planejamentos desenvolvidos foram utilizados vários tipos de recursos, alguns fornecidos pelos próprios colaboradores do projeto². Para as crianças, por meio de videoaulas enviadas por aplicativos, foi conceituado e exemplificado o que é cápsula do tempo, produzido um tutorial e enviado um folder digital. Além disso, algumas residentes receberam dúvidas particulares dos pais e deram o auxílio necessário para que as famílias conseguissem participar gravando seus relatos.

Considerações Finais

A pandemia do novo coronavírus trouxe mudanças consideráveis para a vida em sociedade. Na ânsia por conter os impactos da doença, a população se viu obrigada a cumprir o isolamento social, o que trouxe impactos para a economia do país, afetando também a educação e a saúde mental das pessoas.

O “novo normal” como muitos dizem, exigiu uma adaptação rápida que muitas vezes não considerou a realidade tão desigual de nosso país. Isso ficou em





evidência quando serviços como a educação tiveram que ser desenvolvidos em um sistema de ensino remoto, à distância. Os dados revelam que muitas famílias não têm acesso à tecnologia para acompanhar a educação dos filhos, outras não possuem um nível de instrução que lhes permita fazer a mediação adequada e existem ainda os casos de pais e mães que trabalham por um longo período de tempo. Tudo isso parece ter sido deixado de lado ao definirem as medidas que seriam tomadas.

O fato é que o ensino remoto pode ser considerado, como Saviani e Galvão pontuam, um “puxadinho pedagógico” (SAVIANI; GALVÃO, 2021, p. 45). A ideia de que está sendo feito o que é possível diante das condições em que o país se encontra acaba por justificar aquele questionamento anterior de que a escola não é uma atividade essencial. O mínimo está sendo oferecido e recebido como se fosse um feito máximo, porém quando pensamos na qualidade deste ensino e os impactos dele para a educação, entenderemos que a educação não admite esse tipo de “puxadinho”.

Nesse sentido, o Projeto Arquipélagos de Memórias representa uma tentativa de dar voz ao público deste ensino emergencial remoto. O Parecer do CNE/CP nº 15/2020 pontua que as disposições do referido documento devem “assegurar a igualdade de condições para o acesso e a permanência escolar, contando com a participação das comunidades escolares para sua definição” (BRASIL, 2020, p. 8). No entanto, conforme demonstrado, não foi isso que aconteceu. Deste modo, a cápsula do tempo é uma forma de garantir que as gerações futuras, ao acessarem os relatos, possam ter um pensamento diferente a respeito da educação e se posicionem na luta contra a desigualdade.

Por fim, é preciso reforçar a importância da promoção de ações que aproximem as instituições de ensino superior e básico. Ao considerarmos que a experiência aqui retratada envolveu ações do Programa Residência Pedagógica, do projeto de extensão e da educação básica, reiteramos o cumprimento do artigo 207 da





Constituição Federal o qual afirma a “indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988).

Agradecimentos

Agradeço à todos do núcleo de Pedagogia do Programa Residência Pedagógica pelas trocas de experiências e pelo companheirismo e de modo especial ao Prof. Fernando Nicolau de Souza, nosso preceptor na escola-campo, e à Prof. Ma. Nilma Fernandes do Amaral Santos, nossa docente orientadora. A construção da nossa relação enquanto residentes e colegas de trabalho foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço à equipe gestora e demais funcionários da escola-campo por sua receptividade e apoio. Deixo também meu agradecimento às crianças e suas famílias, por confiarem em nosso trabalho e caminharem conosco nesta jornada da construção do conhecimento. Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela oportunidade de participar como bolsista do Programa Residência Pedagógica, tendo em vista o compromisso com a promoção de qualidade para o profissional docente.

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil, 1988**. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>.

Acesso em: 15 de março de 2021.

_____. **Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm>. Acesso em 15 de março de 2021.

_____. **Ministério da Saúde**. Resposta nacional e internacional de enfrentamento ao novo coronavírus. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/index.php/linha-do-tempo>>. Acesso em 08 de março de 2021.

_____. **Parecer CNE/CP nº 15/2020**. Disponível em: <https://files.comunidades.net/profemarli/pcp015_20.pdf>. Acesso em: 17 de março de 2021.

_____. **Portaria Gab. nº 259, de 17 de dezembro de 2019**. Disponível em: <http://uab.capes.gov.br/images/novo_portal/documentos/regulamento/19122019_Portaria_259_Regulamento.pdf>. Acesso em 15 de março de 2021.





GOIÁS. **Arquipélago de memórias**: pandemia e vida cotidiana de professores/profissionais da educação, estudantes, pais/mães de alunos (famílias). UFG, 2020. Disponível em: <<https://sites.google.com/ufg.br/arquipelagodememorias/o-projeto?authuser=0>>. Acesso em: 08 de março de 2021.

JOYE, C. R.; MOREIRA, M. M.; ROCHA, S. S. D. Educação a Distância ou Atividade Educacional Remota Emergencial: em busca do elo perdido da educação escolar em tempos de COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4299>>. Acesso em: 08 de março de 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Coronavirus (COVID-19) Dashboard. Disponível em: <<https://covid19.who.int/>>. Acesso em 15 de março de 2021.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

SAVIANI, Demerval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na pandemia: a falácia do “ensino remoto”. **Universidade e Sociedade**. Nº 67. Brasília: Andes – SN, 2021. Disponível em: <https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf>. Acesso em 08 de março de 2021.

